

Os "holandeses" e os "brasileiros" de Arapoti/PR: as (re)negociações culturais na alimentação

The "dutch" and the "brazilians" from Arapoti/PR: the cultural (re)negotiation in the food

Los "holandeses" y los "brasileños" de Arapoti / PR: las (re) negociaciones culturales en la alimentación

Ályda Henrietta Zomer¹

RESUMO: Um grupo de famílias imigrantes, vindo da Holanda, após uma longa viagem de navio e de ônibus, desembarcou em Arapoti/PR no dia 09 de junho. Desde a fundação da colônia holandesa de Arapoti [de que a pesquisadora faz parte], essas famílias se relacionam de uma forma ou de outra com os brasileiros já moradores da cidade. Tendo em vista esse contexto sociolinguisticamente complexo, portanto que comporta diálogos interculturais (GARCIA CANCLINI, 2013; JANZEN, 2005), este trabalho, um recorte de uma pesquisa de mestrado, busca compreender por meio das histórias orais e outras linguagens – a língua como caleidoscópio (CÉSAR; CAVALCANTI, 2007) - pelas quais as reminiscências das memórias também se manifestam (JOUTARD, 2008; POLLAK, 1989; PORTELLI, 2000), como ocorrem as (re)negociações culturais entre esses "holandeses" e "brasileiros" na/pela alimentação. Para tanto, afiliando-se à Linguística Aplicada trans/interdisciplinar, o trabalho fundamenta-se sob o eixo da noção do entre-lugar (BHABHA, 2013) junto à flexibilização do conceito de comunidade imaginada (ANDERSON, 2008; HOBBSAWM, 1990) para se pensar como esses sujeitos mobilizam o imaginário social em suas práticas discursivas relacionadas à alimentação. Metodologicamente, o estudo foi norteado por uma perspectiva qualitativa-interpretativista etnográfica. Os resultados sugerem que mesmo diante de uma discussão engajada em subverter o conceito tradicional de cultura, com vistas aos processos de hibridação cultural, na alimentação e suas diferentes linguagens muitas vezes as classificações (WOODWARD, 2009) continuam fundamentadas em binarismos, muito embora os processos de hibridação cultural, que são constituídos também por desencontros culturais, sejam evidentes nos hábitos alimentares desses sujeitos locais.

PALAVRAS-CHAVE: (Re)negociação cultural. Memória. Imigrantes holandeses.

¹ Doutoranda no Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas

ABSTRACT: A group of families from Holland after a long trip by ship and bus, landed in Arapoti/Pr on 09 June. Since the founding of the Dutch Colony of Arapoti [of which the researcher is a part], these families relate in one way or another to Brazilians already living in the city. In this sociolinguistically complex context, therefore, which involves intercultural dialogues (GARCIA CANCLINI, 2013; JANZEN, 2005), this work, a cut of a master's research, seeks to understand through oral histories and other languages – language as kaleidoscope (CÉSAR; CAVALCANTI, 2007) – for which the reminiscences of the memories also manifest themselves (JOUTARD, 2008; POLLAK, 1989; PORTELLI, 2000), as do cultural (re)negotiations between these Dutch and Brazilians in the food. In order to do so, affiliated with inter/trans applied linguistics, the work is based on the notion of inter-place (BHABHA, 2013), with the flexibilization of the imagined community concept (ANDERSON, 2008; HOBSBAWM, 1990) to think how these subjects mobilize the social imaginary in their discursive practices related to the food. Methodologically, the study was guided by a qualitative-interpretative ethnographic perspective. The results suggest that even in the face of a discussion engaged in subverting the traditional concept of culture, with regard to the processes of cultural hybridization, in food and its different languages, classifications (WOODWARD, 2009) continue to be based on binaries, although the processes of cultural hybridization, which are also constituted by cultural disagreements, are evident in the eating habits of these local subjects.

KEYWORDS: Cultural (re)negotiation. Memory. Dutch immigrants.

RESUMEN: Un grupo de familias inmigrantes, procedentes de Holanda, después de un largo viaje de barco y de autobús, desembarcó en Arapoti / PR el día 09 de junio. Desde la fundación de la colonia holandesa de Arapoti/PR [de la que la investigadora forma parte], esas familias se relacionan de una forma u otra con los brasileños ya habitantes de la ciudad. En este contexto sociolingüístico complejo, por lo que comporta diálogos interculturales (GARCIA CANCLINI, 2013, JANZEN, 2005), este trabajo, un recorte de una investigación de maestría, busca comprender por medio de las historias orales y otros lenguajes - la lengua como caleidoscopio (CÉSAR; CAVALCANTI, 2007) - por las cuales las reminiscencias de las memorias también se manifiestan (JOUTARD, 2008; POLLAK, 1989; PORTELLI, 2000), como ocurren las (re) negociaciones culturales entre esos "holandeses" y "brasileños" en la / por la alimentación. Para ello, afiliándose a la Lingüística Aplicada trans / interdisciplinaria, el trabajo se fundamenta bajo el eje de la noción del entre-lugar (BHABHA, 2013) junto a la flexibilización del concepto de comunidad imaginada (ANDERSON, 2008; HOBSBAWM, 1990) se piensa cómo esos sujetos movilizan el imaginario social en sus prácticas discursivas relacionadas a la alimentación. Metodológicamente, el estudio fue orientado por una perspectiva cualitativa-interpretativista etnográfica. Los resultados sugieren que incluso ante una discusión comprometida en subvertir el concepto tradicional de cultura, con vistas a los procesos de hibridación cultural, en la alimentación y sus diferentes lenguajes muchas veces las clasificaciones (WOODWARD, 2009) continúan fundamentadas en binarismos, aunque los procesos de hibridación cultural, que están constituidos también por desencuentros culturales, sean evidentes en los hábitos alimentarios de esos sujetos locales.

PALABRAS CLAVE: (Re) negociación cultural. La memoria. Inmigrantes holandeses.

Introdução

Cresci familiarizada à língua holandesa, ouvindo minha *oma* falar com os parentes da Holanda, com o meu pai e tios. Porém, não escutava minha *oma* conversar sempre em holandês com o meu pai, sobretudo nas reuniões familiares, na mesa do almoço em minha casa, por exemplo. Isso, pois a minha mãe e minhas três tias são "brasileiras"², e minha irmã e eu não falávamos muito em holandês.

Fui crescendo, com uma mãe "brasileira" e um pai "holandês" - um casal misto³-, tendo contato com as culturas, brasileira e holandesa, o que me permitia desde pequena perceber que, por exemplo, na casa da *oma*, as comidas, os horários, os deveres eram diferentes de quando eu ia para a casa da minha avó "brasileira", onde eu era costumeiramente chamada de "holandesinha preta". Eu podia perceber que algumas coisas que eram feitas na casa da minha avó, não poderiam/deveriam ser feitas na casa da *oma*.

Assim, eram notórias as diferenças entre as coisas e a quantidade que eu comia na casa da minha avó e na casa da *oma*; as comidas nos meus aniversários eram um pouco diferentes dos aniversários dos amigos da colônia. No decorrer dos anos, com a graduação, ser professora na escola da colônia e no desenvolvimento do mestrado fui podendo refletir, com um olhar mais crítico, as situações ao meu redor, e, conseqüentemente, trocando as lentes com as quais eu sempre enxerguei a colônia.

Diante disso, enfatizo que, além de (re)negociar o meu pertencimento à colônia, também tive que (re)negociar arduamente e constantemente, principalmente dois papéis ao longo dessa pesquisa, o de integrante da colônia

² A função das aspas é para enfatizar a mobilização que faço com o termo "brasileiro(as)" e "holandeses(as)" para me referir aos (não) integrantes da colônia holandesa em Arapoti-diferenciar quem é da colônia ou não"-, tal como acontece o uso desses termos pelos sujeitos locais.

³ Os termos "misto" e "puro" foram construídos pelos sujeitos locais para diferenciar os filhos de casais configurados por um(a) brasileiro(a) e um(a) holandês(a), bem como aqueles que são formados por dois "holandeses", ou seja, nascidos na Holanda ou nascidos em alguma colônia holandesa aqui no Brasil.

e o de pesquisadora. A minha comunidade imaginada (ANDERSON, 2008; HOBBSAWM, 1990) também foi deslocada! Busquei melhor compreender também os processos de hibridação que me perpassam enquanto pesquisadora-integrante! O binômio, "holandeses" e "brasileiros" no qual sempre estive pautada foi repensado com base nas complexas intersecções das múltiplas identidades⁴ nas relações na/da colônia.

Embora Anderson (2008) e Hobsbawm (1990) pensem o conceito de comunidade imaginada fazendo reflexões acerca de nacionalismos que reforçam o pertencimento a uma nação, aproprio-me do conceito mobilizando seus potenciais, de modo a pensar não uma comunidade nacional, mas outros tipos de comunidades, como a colônia holandesa de Arapoti, que se constrói tendo em vista a heterogeneidade dos seus integrantes.

Portanto, o interesse por realizar este trabalho está diretamente relacionado às percepções e questionamentos que afluíam ao longo da minha história, seja de uma criança, seja de uma pós-graduanda. Assim, esta pesquisa é uma (re)negociação constante dos meus questionamentos, enquanto integrante da colônia, mas que foram, ao longo da minha caminhada acadêmica, ganhando peso epistemológico para se (re)configurarem em uma dissertação de mestrado. Com isso, busco, ao longo de todo o trabalho, trazer os meus diálogos interculturais enquanto integrante da colônia, bem como pesquisadora, com vistas a valorizar a contribuição do que não é teórico ao que é teórico para dar forma à minha dissertação.

Desafiando o fazer ciência no campo da Linguística Aplicada inter/transdisciplinar em um contexto familiar de pesquisa, desenvolvi um trabalho mobilizando como metodologia a pesquisa qualitativa [interpretativista] etnográfica cujos dados foram gerados a partir de entrevistas com os(as)

⁴ Neste trabalho, estou pautada em um conceito de identidade não essencializado, sólido, mas como uma construção discursiva, ou seja, tendo-o como múltiplo e complexo. Portanto, o sujeito está em um processo constante de identificação se contrapondo à ideia de uma identidade fixa e imutável (HALL, 2009, 2011; SILVA, 2009; WOODWARD, 2011).

participantes, anotações em diário de campo, fotografias tiradas por mim, livros sobre a história da colônia, bem como as minhas próprias memórias e as de minha oma.

Entretanto, no presente artigo, pretendo socializar e discutir parte dos resultados de minha dissertação⁵, focando nos processos de hibridação cultural representados na alimentação enquanto linguagem. Isto, pois, para mim, os discursos também estão postos/sentados às mesas.

As questões que me proponho a refletir aqui são: Como os processos de hibridação cultural podem ser observados nas linguagens que constituem as práticas que envolvem, de uma forma ou de outra, a alimentação? Como a identificação étnica-cultural [não] se dá também pela alimentação? Para isso, o conceito de língua como caleidoscópio (CÉSAR; CAVALCANTI, 2007) sempre será mobilizado, possibilitando também verificar como esse imaginário da colônia é flexibilizado (ANDERSON, 2008; HOBBSAWM, 1990) em meio às práticas discursivas locais, o entre-lugar (BHABHA, 20103). Da mesma forma, modalizo a proposta de Bhabha (1998) que, cotejando dos pensamentos construídos pelo Círculo de Bakhtin, à minha leitura, chama a atenção para olharmos para além das margens da ponte, mas para as intersecções que ocorrem no trânsito – processos - ao longo desta. Assim, fundamentada nessa proposta olho para as (re)negociações que ocorrem na ponte, o entre-entrelugar pensado por Bhabha (2013), a fim de contemplar as múltiplas identidades que estão, de forma complexa, interseccionando-se, mas sem esquecer de que as tensões (GARCÍA CANCLINI, 2013; JANZEN, 2005) se fazem presentes constantemente nesse(s) processo(s).

Para tanto, Bhabha (2013) discorre que há a necessidade de irmos além de uma discussão pautada em binômios, para então podermos considerar a complexidade das relações sociais, das múltiplas identidades.

Fundada em 1955, Arapoti é uma pequena cidade ao norte do interior do Paraná. Arapoti, ao longo de sua história recebeu diversos grupos étnicos,

⁵ O trabalho de mestrado foi desenvolvido em 2014-2016 no programa de Linguística Aplicada do Instituto de Estudos da Linguagem, na Universidade Estadual de Campinas – sob orientação da professora Doutora Daniela Palma.

dentre estes: poloneses, espanhóis, portugueses, ucranianos, mas, foi em 1960 que um grupo maior, composto por algumas famílias de imigrantes holandeses, chegou à cidade. Esses movimentos migratórios fizeram com que a cidade se constituísse tanto pelos brasileiros já moradores da região como por diversos grupos étnicos que chegavam, os quais trouxeram consigo suas culturas e suas línguas, fazendo com que línguas portuguesas e línguas de imigrantes configurem Arapoti como um espaço plurilíngue (CAVALCANTI, 2013; CÉSAR; CAVALCANTI, 2007).

No entanto, o que está em foco nesse trabalho é a colônia de imigrantes “holandeses” de Arapoti, a mais nova entre as seis colônias holandesas no Brasil: Carambeí (PR) – 1911; Holambra I (SP) – 1948; Castrolanda (PR) – 1950; Holambra II (SP) – 1960; Não-me-toque (RS) – 1951; Arapoti (PR) – 1960.

O artigo é dividido em duas seções, a primeira retoma brevemente o percurso teórico sobre cultura, processos de hibridação cultural e memória; a segunda seção apresenta a análise do recorte dos dados gerados no estudo etnográfico seguida das considerações finais.

Do conceito tradicional de cultura aos processos de hibridação cultural

Diante da multiplicidade de visões acerca de cultura, inicialmente estou amparada em Eagleton, filósofo e crítico literário, no que o próprio autor designa, sob influências marxistas, como uma aproximação resumida do que é cultura, “como o complexo de valores, costumes, crenças e práticas que constituem o modo de vida de um grupo específico” (EAGLETON, 2011, p. 54). Ainda com vistas a uma definição inicial, Denys Cuche (2002) afirma que, ao discutir a noção de cultura, nas Ciências Sociais, o sentido mais geral dessa

palavra remete ao que é da esfera humana, seus modos de vida e pensamentos.

Cuche (2002), ao afirmar que o conceito de *cultura* é estritamente aplicado ao que possui relação com o ser humano, portanto que está em um constante processo de reconstrução por meio das linguagens, automaticamente subverte o conceito tradicional de cultura, que defende o caráter inato e fixo de cultura, impossibilitando-nos de vê-la como algo em constante movimentação e que se constrói discursivamente. Essa mobilidade explicaria que a cultura tem um caráter múltiplo, pois está em contínua transformação!

Partindo dessa compreensão de que a cultura é constituída na/pela língua(gem), se tomarmos, por exemplo, a noção de língua no contexto da pesquisa em questão, se ela for vista sob uma falsa homogeneidade, linearidade, como garantia do bom funcionamento da colônia holandesa de Arapoti, pode [se não quase sempre] mobilizar os nacionalismos, conseqüentemente, fixar também o conceito de cultura e de identidade.

“Assim, a linguagem passa a ocupar um espaço privilegiado [*e diferenciado*] em nossas vidas sociais” (MOITA LOPES, 2013, p. 19, grifo nosso), o que precisa e é considerado aqui nos instantes em que olho para o conceito de língua, uma vez que me proponho a vê-la como um caleidoscópio (CÉSAR; CAVALCANTI, 2007), as diversas cores, movimentos e formas da língua, as linguagens. Assim sendo, a língua é um construto discursivo, assim como o conceito de cultura, o de identidade, e os demais conceitos e categorias nesse trabalho, afinal, segundo Moita Lopes (2013, p. 19), vivemos em “[...] um mundo no qual nada de relevante se faz sem discurso.” Só assim há como se pensar nos processos de hibridação cultural, (re)negociados por esses “holandeses” e “brasileiros”.

Dessa forma, em hipótese alguma busco contribuir para essa visão universalizadora-essencializada de língua [“pura e estável”] que condiciona a uma visão tradicional de cultura/identidade [também “puras e estáveis”],

conceitos que, se vistos a partir de uma perspectiva essencialista, não me oferecem contribuição alguma. Para isso, peço a você, leitor(a), que atente para o seguinte: compactuo com o conceito de língua como caleidoscópio, que conforme César e Cavalcanti (2007) vai [...] sendo feita por diversos pedaços, cores, formas e combinações, é um jogo de (im)possibilidades fortuitas e, ao mesmo tempo, condicionadas pelo contexto [...] (CÉSAR; CAVALCANTI, 2007, p. 61). Para este trabalho, olho para o entre-lugar (BHABHA, 2013) como o espaço que contempla essas impossibilidades fortuitas da língua, ampliando assim, a percepção acerca do contexto e suas práticas locais.

Por sua vez, ao lançar mão de um olhar que reconheça as imprevisibilidades que a língua oferece aos falantes, linguagens nas suas mais diversas cores, formas e combinações [tendo consciência que essas diferentes línguas são diferentemente valoradas pela sociedade], busco contemplar a complexidade das práticas discursivas de maneira que se considere o contexto e as relações socioculturais em que os sujeitos locais estão inseridos. Isto, pois, compreendendo que – para pensar indissociavelmente na tríade *identidade, cultura e linguagem* – há a necessidade de olhar para o que está sendo constituído, mas também constituindo as identidades que são social histórica e culturalmente situadas, portanto fluídas e complexas. (HALL, 2009, 2011; SILVA, 2009; WOODWARD, 2009).

Portanto, se um grupo nunca é puro, então, deve ser visto como um lugar de constantes diálogos interculturais, que, por sua vez são (re)negociados. Assim os integrantes de um grupo são, em alguma medida ou outra, agentes e as trocas não poderão ser evitadas, sendo que o espaço de vínculo e sociabilidade de um grupo é constituído com base na heterogeneidade.

Nesse sentido, García Canclini (2013), para quem não ocorre a possibilidade de se pensar em culturas puras, afirma:

Entendo por hibridação processos socioculturais nos quais estruturas ou práticas discretas, que existiam de forma separada, se combinam para gerar novas estruturas, objetos e práticas. Cabe esclarecer que as estruturas chamadas discretas foram resultado de hibridações, razão pela qual não podem ser consideradas fontes puras (GARCIA CANCLINI, 2013, p. xix).

A diferenciação de se pensar nesses processos de hibridação se encontra justamente no seu caráter discursivo, no âmbito do entre-lugar, um processo rico e criativo que configura as relações sociais dos sujeitos nas diferentes linguagens que as constituem.

Janzen (2005), partindo do Círculo de Bakhtin e da Germanística Intercultural, contrapondo-se ao conceito tradicional de cultura, apresenta uma concepção de interculturalidade: o diálogo que se dá na interação de sujeitos que falam de lugares distintos, social, cultural e historicamente situados. A partir dessa perspectiva, o autor também contribui afirmando que "[...] a visão de cultura não está vinculada a um discurso unitário, que flui de forma homogênea (e sem conflitos), porém é vista como ponto de encontro de opiniões contraditórias (as mais diversas vozes sociais)" (JANZEN, 2005, p. 52, grifo do autor). As tensões que surgem nas relações de interculturalidade não devem ser esquecidas, mas sim vistas como parte do processo de hibridação cultural. Reconhecer esses desencontros, conforme García Canclini (2013) é não ter os processos de hibridação como álibis, pois, estes são constituídos tanto por encontros como desencontros culturais que são negociados, negados ou aceitos.

O autor nos chama a atenção para o aspecto "fronteiriço" que está associado aos processos de hibridações, o que torna as trocas culturais longínquas de uma previsão, uma vez que estas ocorrem no âmbito das relações sociais que são fluídas e instáveis. Além disso, faz-se necessário ressaltar que olho de maneira não fixa para o *que não se deixa hibridar*, ou seja, como algo que está sempre em processo, sujeito à (re)negociação no decorrer da história e das relações sociais.

Portanto, fundamentada na perspectiva de hibridação de García Canclini (2013), a qual pode dialogar com a visão de interculturalidade de Janzen (2005), com vistas à desconstrução desse universalismo abstrato, olho para as (re)negociações culturais entre esses "holandeses" e "brasileiros" de Arapoti como um processo constante. O deslocamento desses imigrantes, por vezes, levava-os às tentativas de se manterem imunes aos diálogos interculturais, nesse caso, principalmente com os "brasileiros", a fim de resguardarem as suas tradições, representações-sentimentos de um pertencimento a uma identidade nacional trazidas na bagagem.

Essa utópica busca pela pureza opera sobre uma tentativa de diferentes grupos blindarem suas respectivas culturas, visando a amarga ilusão de se manterem em um sistema puro e imune às relações interculturais. Isto é, uma possível *homogeneidade ilusória*, que pode caminhar sob a perspectiva de nacionalismos, que o cientista político Benedict Anderson (2008), em seu livro *Comunidades Imaginadas*⁶ propõe discutir como uma nação se forma com base em um discurso universalizador. Assim como Hobsbawm (1990), em seu estudo, refere-se aos nacionalismos, nos quais os indivíduos se pautam, seguindo um percurso e um discurso único, guiados por uma perspectiva que busca desconectá-los das tensões que se dão nas relações sociais. É assim, com base em um passado descontínuo, mas visando um futuro que mantenha as tradições intactas – inventadas (HOBBSAWM; RANGER, 1984) – que os discursos que constroem/imaginam/inventam a nação buscam preservar os padrões sociais dando a eles unidade, homogeneidade.

Ao olhar para os diálogos interculturais na colônia holandesa de Arapoti, aproprio-me da metáfora da ponte utilizada por Bhabha (2013) o qual afirma

⁶ Utilizo o conceito de "comunidade imaginada" ampliando seu escopo de análise para além das comunidades nacionais; esse conceito é produtivo para analisar outras comunidades, pois Benedict Anderson (2008), assim como Hobsbawm (1990) afirmam que ocorre uma impossibilidade de se discutir o conceito de nação sem considerar o território. Assim, como esses "holandeses" de Arapoti não estão situados em território nacional holandês, há que se pensar em como se dão as representações de um pertencimento à Holanda. Faz-se necessário afirmar também que esses "holandeses" já moram em Arapoti há 55 anos.

que é preciso olhar para o movimento que ocorre na ponte e não para a margem da direita tampouco a da esquerda, isto é, focar no trânsito que ocorre na ponte, nas relações entre estes "holandeses" e "brasileiros", bem como os próprios "holandeses"/"brasileiros" se relacionam entre si.

Nesse interím, com base na memória (BOSI, 1994, 2003, LAVERDI, 2012; POLLACK, 1989, PORTELLI, 2000), sob a perspectiva da história oral, busquei olhar para esses diálogos interculturais entre esses "holandeses" e "brasileiros" a partir das memórias, enquanto processo, desses sujeitos locais. Memórias⁷: as reminiscências que afloram as lembranças de um passado no tempo presente, a capacidade que temos de relembrar as experiências de um passado que novamente, de forma gradativa, vai ganhando uma dimensão social por meio da linguagem. É nas/pelas linguagens, e em meio às relações com o outro que as memórias se tornam sociais, são compartilhadas, tonalizadas e nos são transmitidas (oralidade, imagem, objetos, escrita, gestos, etc.).

É importante ressaltar que olho para a rememoração como um processo que não nos leva cronologicamente à história, mas sim a acontecimentos da história (PORTELLI, 2000). Portanto, compreendo que as histórias orais que foram construídas com os(as) participantes junto comigo não me possibilitam retornar aos fatos históricos como, por exemplo, a chegada dos holandeses em Arapoti, às reuniões e situações mencionadas, mas sim, às lembranças de tais fatos que foram vividos pelos(as) próprios(as) participantes, ou até mesmo as histórias que lhes foram compartilhadas.

A história oral, a partir de uma perspectiva teórico-metodológica, para este trabalho, levou-me às lembranças que por sua vez me encaminham às memórias dos participantes – integrantes da colônia, assim como até antigos moradores da cidade de Arapoti que acompanharam a chegada desses

⁷ O uso do termo no plural é pelo fato de haver a compreensão que os sujeitos são perpassados por memórias infinitas e não somente por uma única memória.

imigrantes – que fazem parte dessa história de (re)negociações culturais entre "brasileiros" e "holandeses", assim como me trouxe muitos questionamentos e, de um certo modo, amparou-me para repensar muitos destes.

Ao ouvir essas diferentes versões – sem o intuito de heroicizá-las - acerca das relações entre esses "holandeses" e "brasileiros", estou contrapondo à ideia de uma comunidade imaginada (ANDERSON, 2008; HOBBSAWM, 1990) exclusivamente pelo coletivo, uma vez que a colônia, de uma forma ou de outra, é imaginada por cada integrante, considerando que cada narrativa oral é diferentemente detalhada pelos(as) participantes que interagem com o coletivo. Assim, buscou-se uma comunidade imaginada por meio da sua heterogeneidade.

A alimentação: as (re)negociações postas e sentadas às mesas

A alimentação, a mesa posta, bem como as pessoas diante da mesa para terem uma refeição são momentos que, segundo Julia Kristeva (1994), permitem-nos observar as dinâmicas culturais entre diferentes grupos sociais/étnicos e seus integrantes.

Propondo-se também a refletir acerca da relação que pode ser feita entre alimentação e cultura, Woodward, com base no trabalho de Lévi-Strauss, contribui que "a cozinha é também uma linguagem por meio da qual "falamos" sobre nós próprios e sobre nossos lugares no mundo" (WOODWARD, 2009, p. 43). Desse modo, os discursos também sentam às mesas e frequentam as cozinhas.

Sendo assim, o alimento que (não) faz parte da alimentação de um indivíduo está intimamente ligado à sua identificação cultural. Dessa maneira, a alimentação, assim como os demais sistemas de significação, também é passível de (re)negociações. Julia Kristeva (1994, p. 18-19), ao tratar sobre a questão dos estrangeiros, afirma que a hora das refeições é uma *festa do paladar*, é uma *comunhão nutritiva*, é a hora em que o anfitrião é posto em frente ao estrangeiro, ou seja, é um momento que o que está posto à mesa também são as diferenças e/ou semelhanças no paladar, na dificuldade ou facilidade no consumo de determinado alimento.

Sendo assim, com base no que a alimentação pode representar, não só com base nas histórias orais, mas também junto às anotações sobre o que me foi servido para beber e comer durante ou depois de algumas entrevistas - uma categoria de análise que foi sendo construída a partir da etnografia, busco olhar para como as (re)negociações culturais se configuram na/pela alimentação enquanto linguagem. Isto é, ao longo dos meus diálogos com os (as) participantes algumas coisas foram chamando a minha atenção como, por exemplo, a escolha por determinado alimento e não aquele outro, como

também a quantidade, variedade e a maneira como a comida é servida, uma vez que são ideologicamente perpassadas. Assim, [não] comer, [não] por à mesa, [não] servir a comida desta maneira pode se configurar em (des)encontros culturais, podendo então representar aquilo que [não] se deixa hibridar (GARCÍA CANCLINI, 2013).

Fernanda, uma das participantes "brasileiras" da pesquisa, não é da colônia, mas tem boas relações com os "holandeses", escolheu ir até a minha casa para a entrevista. Olhando para a mesa que estava sendo preparada por minha mãe e eu, portanto um café à "brasileira", deparo-me com algo bastante diferente das mesas dos cafés nas casas dos(as) "holandeses(as)". Tais diferenças se configuravam principalmente na exposição da mesa, tudo estava sobre a mesa, e em uma quantidade que, no mínimo, daria para o dobro de pessoas. Vale observar que a participante se servia a qualquer hora, com a quantidade que desejava.

Figura 1 – "Café à brasileira"



Fonte: Do próprio autor.

Na mesa estavam postos todos os alimentos, uma grande quantidade e diversidade deles. É uma mesa cheia, com refrigerante, suco, chá gelado, café com leite, pão branco, cheesecake de frutas vermelhas, torta salgada, geleia, queijo e presunto. Vale destacar que tudo está sobre a mesa. Ou seja, é um café que, nesse contexto, pode ser visto como à "brasileira", diferente de um

café à "holandesa" que me foi servido muitas vezes ao longo do trabalho. No geral, nos café nas casas dos(as) participantes "holandeses(as)" somente pratinhos e xícaras permanecem sobre a mesa, bem como a diversidade é bem menor. Diante disso, em função dos vários cafés à "holandesa" que tomei durante as entrevistas é que pude observar que sobre a mesa da minha casa também estavam sendo (re)negociadas as diferenças culturais. A quantidade, a diversidade e a forma como a mesa estava posta e as xícaras não possuíam moinhos. Era diferente dos cafés à "holandesa"!

Já na entrevista, levada pelas percepções acerca das diferenças na alimentação, conversamos sobre comida, e, a partir de uma provocação minha, Fernanda contribui com o seguinte:

P. – E até as comidas de aniversário também, né? Eu lembro dos holandeses e brasileiros assim... ((falando das diferenças na alimentação))

Fernanda – NOOOSSA! Por exemplo, o brasileiro, ele enche uma mesa de comilança eee, né? E o holandês já não, né? Ele já éé, contada. Então, quem não tá acostumado acha aquilo...Servi o bolo primero, né?

P. – ((rindo))

Fernanda faz a diferenciação da mesa à "brasileira" da mesa à "holandesa", afirmando que existem diferenças entre o que e como é servido, as quais são (re)negociadas por quem não está acostumado, assim como servir o bolo primeiro antes do salgado, um costume muito frequente em festas de "holandeses".

Isso que Fernanda compartilha pode ser relacionado a outras situações vividas e observadas por mim com os(as) outros(as) participantes. Com os(as) "holandeses" era diferente, as mesas não eram postas, e a quantidade de comida era menor, como podemos observar na fotografia a seguir tirada na casa de uma participante "holandesa", e compará-la à fotografia logo acima, tirada na minha casa:

Figura 2 - Mesa postas pelos holandes



Fonte: Do próprio autor.

Com relação a essa fotografia⁸, ao visualizá-la podemos perceber a diferença entre uma mesa à "brasileira" como a da minha casa [geralmente com grande diversidade e quantidade de alimentos] e uma mesa à "holandesa" [muitas vezes com um pratinho de bolo sem cobertura e uma xícara de café com leite/chá], salvo uma esposa "brasileira" [também participante da pesquisa, cujo codinome é Jaque] que frequenta muitas atividades da colônia, vai à igreja Evangélica Reformada [fator determinante para a identificação étnica-cultural], portanto, em função dessa identificação étnica-cultural com o grupo, por vezes é vista como uma "holandesa". Jaque serviu café com leite e um bolo de chocolate com cobertura, perceba, leitor(a), que não era um bolo simples para café. Além disso, tudo foi deixado sobre a mesa para que eu me sentisse à vontade caso quisesse repetir. Com isso quero atentar para a heterogeneidade que constitui a colônia, desconstruir uma possível comunidade imaginada (ANDERSON, 2008; HOBBSAWM, 1990) na sua homogeneidade, ou seja, não busco aqui banalizar os processos de hibridação cultural, mas enfatizar que são diferentes processos.

Ainda ao atentar para essa última fotografia é importante ressaltar as linguagens [para além do verbal] em que a cultura holandesa está representada: o azul e o branco que caracterizam o prato é comum em casas de "holandeses" e a caneca, também azul e branca e com um moinho

⁸ Com esta fotografia houve um cuidado de minha parte em não tirá-la de modo que contemplasse a mesa toda, uma vez que a participante poderia ser identificada por algum(a) leitor(a) familiar ao contexto.

desenhado [um dos símbolos mais frequentes para reforçar a cultura holandesa]. Vale atentar também para o gesto da senhora que me trouxe a xícara e o pratinho com o pedaço de bolo ao invés de deixar o bolo inteiro, a garrafa de café e o leite à vontade para que eu pudesse me servir mais vezes. Com base nessas duas fotografias é possível observarmos como a alimentação comporta as (re)negociações culturais, seja pela louça [cores e imagens] ou pela quantidade, diversidade e forma como os alimentos estão postos à mesa.

Assim como ocorreu com Jaque, Gabi, uma outra esposa "brasileira" que está inserida em muitas práticas da colônia, inclusive a igreja, fazendo-a também se tornar "holandesa" em muitos momentos, que serviu suco e batata frita, a qual, além de colocar a jarra e o pacote sobre a mesa, fez o suco na hora em que cheguei e enchia o meu copo de suco constantemente. Faz parte dos costumes holandeses, no geral, marcar um encontro e a anfitriã esperar com tudo pronto, inclusive pode ser que você se depare até com o bolo já cortado e deixado lá na cozinha esperando a hora certa para ir à mesa. Além disso, ambas, Jaque e Gabi, lembravam a todo momento que eu poderia ficar à vontade para me servir novamente. São detalhes que podem ser lidos como dispensáveis, mas não o são, pois, aqui os vejo como reflexos das diferenças culturais que são (re)negociadas por essas "brasileiras-holandesas", com suas identidades étnicas-nacionais hifenizadas⁹ (LESSER, 2001). O gesto de essas duas esposas serem "holandesas" em muitas das práticas da colônia, mas deixarem a comida sobre a mesa para que eu pudesse repetir e pegar a quantidade que eu desejava nos mostra não só as (re)negociações culturais, mas também como a colônia é diferentemente constituída, é heterogênea.

Nesse sentido, é válido destacar o que o senhor Vicente – um dos fundadores da cidade de Arapotí - afirma em sua narrativa, ao compartilhar as

⁹ A minha leitura de Lesser (2001) quando o autor fala das identidades hifenizadas é que de que elas não estão separadas por um hífen, mas vão sendo adicionais outras culturas às identidades dos sujeitos, os quais estão inseridos em relações que, portanto são constituídas pela interculturalidade.

suas memórias individuais de quando, por vezes, frequentava a casa de alguns imigrantes holandeses logo que estes chegaram a Arapoti:

*P. – E o senhor via costumes diferentes neles ((holandeses))?
Vicente – **AAAH sim! Muito! Muito! Uma diferença muito grande. Eu, às vezes, eles me convidavam pra ir lá tomá um chá, e dae a gente sentia a diferença na alimentação ((rindo)).***

Assim como o senhor Vicente, para mim também eram notáveis as diferenças ao longo do desenvolvimento do trabalho em relação aos costumes e à alimentação desses "holandeses" e "brasileiros", ou seja, "a comunhão nutritiva" destacada por Kristeva (1994) pode se tornar uma (des)comunhão em função das diferenças culturais. Ademais, essas são diferenças que ocorrem somente entre os(as) participantes da pesquisa, mas são diferenças que eu mesma (re)negociava tendo como referência a minha casa, o ser "brasileira" e o ser "holandesa". Na casa da *oma* eu nem sempre podia repetir o chocolate, por exemplo, porque doce não fazia bem se comido em exagero. Já na casa da minha avó, ela me dava dinheiro para ir até a venda e eu podia comer o quanto de doce o dinheiro comprasse. Novamente os diálogos interculturais estão refletidos na alimentação, a quantidade e a diversidade de doces possui relação com o ser "holandês" e o ser "brasileiro".

Com base no que Elisa, uma participante "holandesa", casada com um também "holandês" da colônia, esclareceu-me é possível melhor compreender como as diferenças culturais estão refletidas na arrumação da mesa e na maneira como os alimentos são servidos:

*(...)
((estávamos conversando sobre as diferentes maneiras de "brasileiros" e "holandeses" arrumarem a mesa))
Elisa - Você me perguntou se você podia toma um café aqui, né? ((nesse momento ela encena como se eu tivesse pedido um café para me explicar como seria o processo)) **Se eu era mais brasileira eu colasse um lenço aqui,tá tá ((mostrando como colocaria o guardanapo)). Bolo, mais um bolo e café, né? Esse é***

brasileiro! Eu ainda não aprendi! Não, mas esse é brasileiro! Se eu ia falar pra você, seu mãe tá em casa hoje de tarde? Eu vou tomar um café lá no seu casa. Sua mãe ia fazer a mesa?

P. - Iria!

Elisa - Uhum! E esse é holandês, ó ((mostrando a xícara e o pratinho sobre a mesa)). Você só recebeu um pedaço de bolo.

A própria Elisa faz o movimento de se olhar e mostrar para mim que ela não faz como o costume "brasileiro", ela não arruma a mesa como a minha mãe, uma "brasileira", arrumaria, por exemplo. É interessante aqui nos lembrarmos da fotografia trazida, logo acima, que torna visível a forma como a mesa do café estava posta na minha casa, bem como da fotografia que nos permite visualizar um café à "holandesa". É interessante, que ao comparar a mesa que ela arruma à mesa da minha mãe, Elisa está classificando a minha mãe como diferente, como uma "brasileira", e, automaticamente se colocando como diferente, uma "holandesa". As classificações ocorrem constantemente e discursivamente, sobretudo de forma binária (BHABHA, 2013), porém olhando para o trânsito na ponte, a própria Elisa, no excerto a seguir, relata que fez vários bolos e pizzas, e as bebidas eram à vontade e diversas no seu aniversário. Assim, percebe-se que não só "brasileiros" que servem a comida da forma como Elisa categorizou como sendo constitutivo da cultura brasileira.

Elisa - Há dois semanas atrás era meu aniversário.

(...)

*Elisa - Isso! **Dae começamos com bolo, tinha/eu fiz tudo eu mesmo. Três bolos, café, tá, tá, tá. Todo mundo sentou aqui fora ((apontando para a porta da varanda)), lá dentro ((apontando para a sala)). E o XXXX fazendo pizza, e a XXXX cortando e dae depois eu coloquei o cerveja, vinho e suco. Muito gostoso! Dae, o legal era que, as pessoas queriam ver o XXXX fazer pizza. Dae tinha grupo aqui na cozinha ((apontando para a cozinha)), um grupo lá e se misturando. Porque cada um tinha que buscar o seu ((bebida e comida))! Aah, o que você quer tomar. Porque antigamente, "o que você quer tomar?" e você fica sentado no lugar toda noite.((passando oferecendo como era o aniversário da minha oma, por exemplo)). E se você tá sentado errado, do lado de uma cunhada chata! Tem que sentar a noite inteira! ((risos)) Ééé..agora pode buscar um vinho e um pouco pra fora e cada vez misturava!***

É possível observar como a Elisa modifica a forma como colocou a mesa no seu aniversário da maneira como ela arrumou o café para mim. Não quero aqui banalizar os processos de hibridações como ressalta García Canclini (2013), pelo contrário, ressalto o caráter processual das hibridações em contraposição a uma visão que as enxerga como um produto, afinal, não é todo dia e em todas as refeições que Elisa serve a comida como foi em seu aniversário. Não são todos os aniversários da colônia que funcionam dessa forma! O próprio café que me foi servido na primeira entrevista – uma xícara de café com leite e um pratinho de bolo - e na segunda entrevista demonstram isso, muito embora ela tenha me oferecido mais café na segunda vez que nos encontramos, o que foi aceito por mim.

Figura 3 – "Café à brasileira e à holandesa"



Fonte: Do próprio autor.

Na fotografia acima estão representadas as (re)negociações culturais que se dão na alimentação, afinal estamos diante de uma mesa na casa de uma "holandesa" casada com um "holandês", mas, diferentemente da fotografia do café à "holandesa", toda a comida está posta e à vontade na mesa, nada está cortado nos pratinhos e colocado nas xícaras, assim como a diversidade/quantidade de alimentos é maior do que o café à "holandesa" e semelhante ao café à "brasileira". A mesa está cheia! Mas, ao atentarmos para as comidas podemos notar que temos refrigerante, suco, café com leite, chá, três tipos de torta doce, torradas [Jonker – marca holandesa], que são muito comuns no paladar holandês, em um dos potes temos chocolate granulado [Hagelslag] para comer com a torrada. Esta última combinação [Hagelslag e torrada ou pão] é, muitas vezes, estranhada pelos "brasileiros" e muito comum nas casas dos "holandeses". As xícaras também, muito embora não possamos visualizar, são xícaras com palavras em holandês, moinhos e tamancos.

Ao descrever os alimentos, a mesa e as xícaras objetivo explicitar como as (re)negociações estão representadas nessa mesa, pelas diferentes linguagens. Nessa mesa da fotografia estão em processo de hibridação os

costumes brasileiros e holandeses de pôr a mesa, mas também dos tipos e quantidade de comida. Notemos que é uma junção da mesa à "brasileira" da minha casa com a mesa à "holandesa", ou seja, é possível visualizarmos os processos de hibridação cultural à mesa [nem só à "holandesa" tampouco somente à "brasileira"] dessa senhora que possui constantes diálogos com "brasileiros".

Conclusão

A partir desse olhar voltado para a alimentação, espero ter demonstrado, através das diferentes linguagens, como os processos de hibridação também estão à mesa, os quais não devem ser vistos como produtos, pois, requerem um determinado período [variável de acordo com cada família/sujeito] para se configurarem em meio às tensões que surgem diante das diferenças culturais no entre-lugar, ou seja, no discurso. Além disso, pode ser que algumas dessas tensões nunca acabem, mas sejam ressignificadas.

Sendo assim, ao compreender a alimentação como uma linguagem (CÉSAR; CAVALCANTI, 2007) é possível, com base em Kristeva (1994) observar como as diferenças culturais são (re)negociadas em meio aos processos de hibridação, os quais não estão imunes às tensões que os caracterizam (GARCÍA CANCLINI, 2013; JANZEN, 2005), como vimos nas relações entre esses "holandeses" e "brasileiros".

Além disso, as diferenças que constituem os hábitos alimentares, a exposição da mesa entre esses "holandeses" e "brasileiros" reforçam a impossibilidade de se olhar para a colônia como homogênea (ANDERSON, 2008; HOBBSAWM, 1990). Isto, em função das diferenças encontradas em cada mesa posta. Nessa direção, ao olharmos para a alimentação também não ocorre a possibilidade de fixarmos as classificações (WOODWARD, 2009) - "brasileiros" e "holandeses" -, uma vez que os hábitos alimentares, as mesas postas diferenciavam-se de uma forma ou de outra em cada casa. Ao

observarmos essas práticas, as mesas e cafés à "holandesa" também se diferenciam entre os próprios "holandeses", bem como os cafés à "brasileira" não acontecem da mesma forma entre todos os "brasileiros".

Diante disso, ressalto também a identificação étnica-cultural (HALL, 2009; 2011; LESSER, 2001; SILVA, 2009; WOODWARD, 2009) que está representada na impossibilidade de se olhar para a alimentação como algo fixo, uma vez que observamos aqui que os hábitos alimentares desses sujeitos podem ser reconstruídos nos diálogos interculturais em que estão inseridos à medida em que ocorre [ou não] a identificação étnica-cultural. Portanto, [não] comer determinado alimento, [não] arrumar a mesa dessa ou daquela forma, xícaras com ou sem moinhos são linguagens que estão entrelaçadas ao processo identificação étnica-cultural desses "holandeses" e "brasileiros".

Referências

- ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. Tradução de Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- BHABHA, Homi. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2013.
- BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- BOSI, Ecléa. *O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social*. São Paulo: Ateliê, 2003.
- CAVALCANTI, M. C. Educação linguística na formação de professores de línguas: intercompreensão e práticas translíngues. In: MOITA LOPES, Luiz Paulo. (Org.). *Linguística aplicada na modernidade recente - Festschrift para Antonieta Celani*. São Paulo: Parábola, 2013. v. 1, p. 211-226.
- CÉSAR, América; CAVALCANTI, Marilda do Couto. Do singular ao multifacetado: o conceito de língua como caleidoscópio. In: CAVALCANTI, Marilda do Couto; BORTONI-RICARDO, Stella Maris (Org.). *Transculturalidade, linguagem e educação*. Campinas: Mercado de Letras, 2007. p. 45-66.

CUCHE, Dennys. *A noção de cultura nas ciências sociais*. Tradução de Viviane Ribeiro. 2. Ed. Bauru: EDUSC, 2002.

EAGLETON, Terry. *A ideia de cultura*. São Paulo: UNESP, 2011.

GARCÍA CANCLINI, Nestor. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. Tradução de Ana Regina Lessa e Heloísa Pezza Cintrão. 3. ed. São Paulo: EDUSP, 2013.

HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guaracira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP & A, 2011.

HALL, Stuart. Quem precisa da identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. São Paulo: Vozes, 2009. p. 103 -133.

HOBBSAWM, Eric. *Nações e nacionalismos desde 1780: programa, mito e realidade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

HOBBSAWM, Eric; RANGER, Terence (Org.). A invenção das tradições. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984. p. 9-23.

JANZEN, Henrique Evaldo. *O Ateneu e Jakob von Gunten: um diálogo intercultural possível*. 2005. Tese (Doutorado em Língua e Literatura Alemã) – Universidade de São Paulo.

KRISTEVA, Julia. *Estrangeiros para nós mesmos*. Tradução de Maria Carlota C. Gomes. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

LAVERDI, Robson et al. *História oral, desigualdades e diferenças*. Recife: Ed. da UFPE; Florianópolis: EDUFSC, 2012.

LESSER, Jeffrey. *A negociação da identidade nacional: imigrantes, minorias e a luta pela etnicidade no Brasil*. Tradução de Patrícia de Queiroz C. Zimbres. São Paulo: EDUNESP, 2001.

MOITA LOPES, Luiz Paulo (Org.). *O português no século XXI: cenário geopolítico e sociolinguístico*. São Paulo: Parábola, 2013.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

PORTELLI, Alessandro. Memória e diálogo: desafios da história oral para a ideologia do século XXI. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; FERNANDES, Tânia Maria Dias; ALBERTI, Verena. (Org.). *História oral: desafios para o século XXI*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2000. p. 67-71.

SILVA, Tomaz Tadeu. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2009.

WOODWARD, Katherine. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2009.